

*Discurso na cerimônia de abertura da
semana de Portugal e das comunidades
luso-brasileiras e da semana de Camões*

RIO DE JANEIRO, RJ, 9 DE JUNHO DE 1996

Senhor Governador do Estado do Rio de Janeiro, Dr. Marcello Alencar; Senhor Presidente do Real Gabinete Português de Leitura e da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, Dr. Antonio Gomes da Costa; Senhor Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, meu querido amigo Dom Eugênio Sales; Senhor Embaixador de Portugal, Pedro Ribeiro de Menezes; Senhores Ministros da Cultura, Dr. Weffort, e da Indústria e Comércio, Dr. Francisco Dornelles; General Cardoso, da Casa Militar; Senhor Senador Artur da Távola; Senhor Vice-Presidente da Associação de Prefeitos do Rio de Janeiro; Gilberto Ramos; Senhoras e Senhores;

Ao entrar nesta sala, já antes de penetrar pelo corredor, ao olhar na ante-sala em que estavam alguns manuscritos ou cópias de manuscritos de que essa biblioteca é possuidora, eu não pude deixar de, uma vez mais, admirar o espírito português.

Recentemente, estive na Suíça e lá visitei uma exposição extraordinária. Uma exposição de livros raros. Sem que o acervo todo fosse mostrado, na pequena parte que ali se exibia havia uma espécie de síntese do que de melhor o espírito humano produziu em matéria de

política, em matéria de poder, em matéria de religião, em matéria de ciências, em matéria de artes. E a emoção foi imensa, quando vi que ao lado dos Cervantes estava a primeira edição de *Os Lusíadas*, de Camões.

Pois bem, falando sobre Ramalho Ortigão, o Presidente nos disse que aqui existe uma primeira edição de *Os Lusíadas*, de Camões, aliás, duas. A Biblioteca Nacional tem uma terceira. Portugal parece que só tem uma e há outra na Suíça. E o fato mesmo de nós todos homenagearmos, sempre que pensamos em Portugal, um símbolo que é um poeta faz dos portugueses um povo todo especial.

A mesma emoção que tive na longínqua Genebra ao ver Camões, tive de novo aqui, ao entrar nesta sala, ao ver esses livros todos e ao me recordar de que aqui, ao mesmo tempo que homenageamos, e com justa razão, o povo português e a Data Nacional de Portugal, nós nos lembramos de que Portugal tem essa peculiaridade: seu maior herói foi um escritor; e, como escritor, é um poeta; e, como poeta, cabia a aventura, cabia a conquista, cabiam os descobrimentos. Isso é raro na história.

Normalmente, os heróis são pessoas violentas, pessoas que instalaram uma nova ordem. E, freqüentemente, a instalação de uma nova ordem requer a utilização de meios que não são sempre aqueles do espírito. Portugal não é assim. Em Portugal, o tempo todo estão indissolúveis, inseparáveis, o espírito e a grande capacidade para o labor dos portugueses, em sua ação civilizatória no mundo. Bastaria recordar o que há poucos instantes ouvimos do nosso Presidente do Real Gabinete Português de Leitura, Dr. Antonio Gomes da Costa, para verificar que, numa saudação, está resumido esse espírito português, que junta os feitos do seu país à generosidade no julgar os feitos do meu país.

Tudo isto é dito de tal maneira que, por trás, está o espírito. E de outra maneira não se referiu aqui a nós o Embaixador de Portugal no Brasil, senão que com uma elegância que lhe é própria e com muita precisão, quase não deixando ver os andaimes do seu pensamento, vê-se só o resultado, que é uma fraternidade embasada na

existência de uma cultura que preza o espírito. Talvez seja essa a razão de Portugal, com o seu tamanho, com o seu porte, que em comparação com outros é reduzido, ter deixado marca tão profunda pelo mundo afora.

Fui à China, recentemente, e meu amigo Mário Soares, pessoa a quem prezo enormemente, me tinha pedido que estivesse presente à inauguração do aeroporto em Macau, e eu lá não pude estar no dia. A China é outra grande cultura, que tem o Dia da Sorte, quando se fazem inaugurações. Estas se dão em certos dias, senão os maus espíritos não vão permitir o sucesso – mesmo na China atual, contemporânea, com todas as suas feições herdadas, até mesmo de uma certa intolerância em outras épocas, mas que manteve um confucionismo básico e também esse linguajar com as estrelas. E as estrelas não permitiam que eu fosse um dia atrasado; então, eles não podiam mudar a data da inauguração. Mas eu fui assim mesmo, sem qualquer inauguração, para sentir de perto o que era, lá longe, na longínqua China, verificar uma presença portuguesa.

A mesma emoção que tive ao entrar aqui, ao ver esse neomanoelínico, como também foi caracterizado, eu tive ao ver um frontispício jesuítico – pois só tem o frontispício, o prédio já não existe – no meio de Macau. Portugal está por inteiro ali, por inteiro: era só um monumento, mas esse monumento já estava ali com a sua integralidade, mostrando que era Portugal.

Ontem eu estive em Pirenópolis – perdoem percorrer da China a Pirenópolis – e lá há uma igreja que, com a ação do Ministro Weffort e do Ministro Sérgio Motta, estamos reconstruindo. É do século XVIII, e, nessa igreja, de novo, se vê o quase-barroco, com uma certa ingenuidade como só o barroco mexicano possui; mas, em todo caso, há uma certa marca portuguesa lá no meio de Goiás.

É por isso que Portugal permanece tão vivo e tão forte no mundo contemporâneo: por causa do seu espírito. E, não por acaso, foi Fernando Pessoa, então chamado Bernardo Soares, quem disse: “Minha pátria é a língua portuguesa.” É a nossa também. A nossa pátria é a língua portuguesa, porque pela língua portuguesa nós não estamos

nos expressando apenas no modo de falar – alguns de nós podemos nos expressar em várias línguas –, é mais do que isso, é a cultura que está sustentando esse modo de falar.

A nossa pátria é a língua portuguesa. É isso que nos une, Senhor Presidente, Senhor Embaixador, Senhoras e Senhores. O que nos une é que nós pertencemos a esta mesma comunidade – comunidade que tem essa característica tão forte de ser capaz de se desdobrar pelo espaço e manter uma certa unidade.

Ainda há pouco, com o Governador Marcello Alencar e com os que me acompanham, estávamos no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro e vimos a exposição de Boudin. E, de repente, havia uma moça belíssima desenhada, pintada por um pintor brasileiro, não pelo francês, e o quadro era todo impressionista, poderia parecer cópia – porque foi feito já no início do século XX – do impressionista francês. Mas o denço da moça não era francês, era brasileiro, e, para ser brasileiro, esse denço, além de salpicado de sangue africano e indígena, tinha que ter também o espírito português, que é doce e que transforma o modelo em alguma coisa que, ainda que seja cópia de outro, é diferente, porque agrega algo de muito específico, de muito próprio.

Por todas essas razões, porque nós participamos desse mesmo mundo, desse mesmo mundo cultural, essa nossa mesma pátria é a nossa língua. Não tenho dúvida nenhuma. Nós amamos Camões, Eça de Queiroz, Machado de Assis, Guimarães Rosa, ou quantos queiramos. Gosto muito mesmo é de Fernando Pessoa, muito, por acaso, em *Ode Marítima*, onde me parece que ele se mantém com uma força maior, porque ali ele demonstra, com um espírito extraordinário, a sua capacidade de descrever o que é o mar. E o mar, para Portugal, é vital, porque sem o mar estariam confinados, os nossos povos espanhóis não deixando muito espaço para que nos alongássemos pela Europa. Mas o mar estava aberto, e foi possível percorrer, através dele, esse mundo afora.

Por tudo isso, por toda essas características tão nossas é que hoje, neste momento, esta comunidade de língua portuguesa passa a ser

algo muito importante. E aqui quero fazer uma homenagem ao antigo Embaixador José Aparecido, que sempre foi precursor dessa tese; e dizer que o Brasil se sentiu muito feliz em ver que o ex-Presidente Itamar Franco é hoje, ainda, nosso Embaixador em Portugal, antes de ir para a OEA, para mostrar o quanto nós queremos continuidade nas nossas relações e o quanto nós queremos realmente mostrar que essa comunidade é para nós essencial – comunidade de língua e, acrescentaria agora, de interesses.

Se eu fosse só presidente, eu podia parar no espírito, mas no Brasil o presidente é como primeiro-ministro, e o primeiro-ministro sempre fala de coisas mais concretas. Tenho que falar também dos nossos interesses comuns, que são grandes, comuns que são grandes não porque – como tão bem disse o Primeiro-Ministro de Portugal, que recentemente nos deu a honra de uma visita – o Brasil pense que Portugal seja a porta de entrada para a Europa. Já foi. Hoje a entrada é por todos os lados, com esse mundo unitário, de sistemas digitais e satélites. Não é por isso. A nossa curiosidade é mais do porquê, de novo, porque nós temos interesses que são coincidentes nesse processo de integração no mundo, da América do Sul com o mundo europeu.

O fato de termos firmado recentemente um acordo entre a União Européia e o Mercosul, não importa a língua que se fale, tem esse aspecto importante de que, nele, Brasil e Portugal pertencemos à mesma comunidade lingüística, no sentido que já expliquei aqui, que é, muito mais do que o vocábulo que se fala, o sentimento que se tem. Esse, sim, nos ajudará, e muito, a construir caminhos em comum – caminhos em comum que passam pelo investimento, investimento recíproco, que passa pela difusão de tecnologias, que passa pelas aventuras em comum, as famosas *joint ventures*. E, nesse novo mundo que está sendo construído – de alguma maneira eu tenho dito isto e, às vezes, até tenho sido mal compreendido –, nesse novo mundo há um “quê”, há um ar de renascimento. Por quê? Porque, outra vez, nós estamos nos aventurando planeta afora, outra vez não dá mais para que nós pensemos, cada um de nós, nos nossos países isoladamente. Temos que pensá-los como parte de algo mais grandioso.

oso, que engloba pelo menos o planeta Terra – para sermos mais modestos –, como fizeram os portugueses na época do Renascimento e como fizeram os italianos e tantos outros mais.

Nesse mundo que está aí a nos desafiar, nós teremos que, necessariamente, conviver com a diversidade, pois nós precisamos abrir nossas fronteiras, precisamos penetrar nas outras fronteiras. Nesse mundo, eu creio que a coincidência de interesses de brasileiros e portugueses é imensa.

Se hoje estou aqui com os que me acompanham – e tenho certeza de que falo por eles –, é por essa profunda convicção, que todos temos, de que somos a mesma coisa no sentido mais profundo, de que o oceano foi pequenininho para nos separar, não conseguiu; e de que agora, crescentemente, nós vamos estar mais juntos. E que essa junção, que nasceu com a junção do espírito, agora vai ter um sentido concreto. Recordo-me da minha visita a Portugal, quando falamos do cabo Cabral, que era uma ligação interoceânica entre o Brasil e Portugal, numa *joint venture* entre empresas brasileiras e empresas portuguesas, para que, de maneira muito direta, muito concreta, mostrássemos que essa comunidade de língua não é só de língua, é também de estruturas que vão cada vez mais, crescentemente, integrar-se umas às outras.

Esse o nosso espírito, o espírito de povos que temos essa capacidade plástica – creio que foi o Gilberto Freyre quem falou isso – de adaptação, porque nós a temos. E, ao olhar aqui o nosso Cardeal Dom Eugênio, me recordo de que sempre foi uma capacidade que a própria Igreja nos ensinou a tê-la no seu contato com o mundo desconhecido. Essa própria formação nossa tão específica, de brasileiro, de português, é que nos assegura, Senhores e Senhores, o fato de que eu me sinto aqui, se me permitem e me perdoem, talvez – a ingerência também é minha –, em casa. Esta casa é nossa.

Muito obrigado.